



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SACZUK, Maria Isabel; CAMARGO, Denise. O corpo que envelhece – uma reflexão necessária. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## O CORPO QUE ENVELHECE – UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

**Maria Isabel Saczuk  
Denise de Camargo**

### RESUMO

Com o aumento da perspectiva de vida, faz-se necessário um olhar para o fator envelhecimento que permeia a realidade de todos nós. Comumente os indivíduos demonstram certo incômodo ao pensarem sobre o envelhecimento humano, escolhendo muitas vezes a fuga do assunto ou o adiamento na reflexão sobre sua condição, já que este, inevitavelmente, remete à ideia do fim da existência, ou seja, a morte. Partindo de uma perspectiva reichiana acerca das fases do desenvolvimento emocional, aborda-se as mudanças psicocorporais vivenciadas na idade adulta e velhice na atualidade, e aponta-se para a necessidade de uma compreensão do ser humano contemporâneo de forma mais abrangente.

**Palavras-chave:** Corpo. Emoção. Envelhecimento. Psicologia Corporal. Wilhelm Reich.

---

Segundo Neri & Freire (2000), a proporção da população de adultos com mais de 60 anos vem aumentando rapidamente, o envelhecimento está sendo amplamente discutido e pesquisado, tanto no meio acadêmico, quanto fora dele. A velhice, que envolve a vida adulta avançada, corresponde à última fase da existência humana e o processo de envelhecimento está diretamente atrelado às mudanças físicas, psicológicas e sociais.

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) até 2050, o número da população idosa chegará a 2 bilhões, mais que o dobro dos 900 milhões de indivíduos nessa faixa etária registrados em 2015, as pessoas idosas representarão um quinto da população do planeta, a OMS fez um apelo por políticas de atendimento mais eficazes para pessoas com 60 anos ou mais, o organismo defendeu medidas para evitar declínio nas capacidades físicas e mentais ao longo da terceira idade.

De acordo com John Beard, diretor do Departamento de Envelhecimento e Curso de Vida da Organização Mundial da Saúde (2015): “Os sistemas de saúde do mundo não estão prontos para populações idosas”. No Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2000 havia aproximadamente 14,2 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, aumentando para 19,6 milhões em 2010 com previsão de 73,5 milhões no ano de 2060 (IBGE, 2013).

O periódico *Lancet Global Health* (2015) em estudo recente, demonstrou que em cada seis pessoas idosas sofre alguma forma de abuso. Os cálculos da pesquisa foram feitos a



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SACZUK, Maria Isabel; CAMARGO, Denise. O corpo que envelhece – uma reflexão necessária. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

partir de 52 levantamentos, em 28 países, incluindo 12 de baixa e média renda. Os resultados evidenciam que quase 16% das pessoas com 60 anos ou mais foram submetidas a abusos psicológicos (11,6%), abusos financeiros (6,8%), negligência (4,2%), abusos físicos (2,6%) ou abusos sexuais (0,9%) (Oms, 2015).

A Oms, no mesmo relatório de 2015, afirma que a saúde pública e a sociedade como um todo precisam abordar esses problemas relacionados à terceira idade, revendo as políticas públicas, pois, além dos abusos relatados na pesquisa acima citada, os idosos também sofrem com estereótipos de seres frágeis, dependentes e assim, são excluídos do trabalho formal. Fora do setor produtivo se tornam um fardo para a sociedade e frequentemente são estigmatizados.

Ferraiuoli & Ferreira (2015) salientam que a depressão é um dos transtornos psiquiátricos mais comuns em idosos, e quando ela vem acompanhada de ideações suicidas torna-se um fator de risco que exige medidas preventivas imediatas, portanto, é extremamente importante que a depressão seja diagnosticada precocemente, principalmente nesta faixa etária, buscando reduzir o número de possíveis suicídios.

Se por um lado a ciência busca amenizar os efeitos que o envelhecer acarreta na saúde e na aparência física, por outro, há uma busca incessante para fugir do assunto e do próprio envelhecer, como se a velhice e a própria finitude fossem uma escolha pessoal, muitas vezes, a contradição se dá por não haver um apoio psicológico para as mudanças que ocorrem no corpo (Moreira Nunes & Nogueira, 2008). Podemos perguntar se o mal-estar do envelhecer não é agravado em sociedades que valorizam excessivamente a juventude.

Para Neri & Freire (2000) o processo de envelhecer não é igual para todo mundo, e se relaciona na dimensão subjetiva do corpo e do meio social. Existe um imaginário que passa alheio a tais transformações, e que se expressa na tentativa de transcender a finitude. Normalmente é o outro que nos anuncia o envelhecimento, ou as mudanças são percebidas no próprio corpo.

Sabe-se que o processo corporal de envelhecimento é inevitável, o corpo nasce, cresce, envelhece e morre, em um constante desenvolvimento, porém, nem sempre as emoções estão de acordo com os processos corporais, criando um conflito de identidade, como se todo o processo de desenvolvimento fosse uma determinação terrível, que deve ser combatida. Há uma discrepância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem vista no espelho, afetando o estado emocional pela consciência de um corpo que caminha para a finitude, podendo gerar uma crise de identidade (Goldfarb, 1998).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SACZUK, Maria Isabel; CAMARGO, Denise. O corpo que envelhece – uma reflexão necessária. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Servindo ao ideário social vigente, o corpo envelhecido é visto como corpo em decadência, de poucas emoções, corpo que necessita de descanso e que é marcado pela aposentadoria, pela menopausa, pela falta de libido, por um corpo que não produz, ainda mais no mundo atual, de vidas descartáveis, é deste olhar e pressupostos que se criam interditos e identidades sociais que balizam o que é adequado a determinada faixa etária e excluem as pessoas idosas da participação social. Acredita-se que o corpo necessita de outro discurso, que não somente os biológicos médicos e estéticos funcionais. É fundamental um conceito de saúde ao corpo que compreenda a relevância dos aspectos psicológicos e emocionais do envelhecimento (Vilhena, Novaes e Rosa, 2014).

Reich (1983) com seu pensamento funcional, não somente dirigido ao corpo biológico, mas no seu discurso social, diz que esses mecanismos dos padrões socialmente estabelecidos visam bloquear o prazer humano, o orgasmo na vida, para alienar grande parte da massa popular, servindo aos interesses do capitalismo. Esse mesmo discurso que é passado de gerações a gerações vai gerar o que ele chama de peste emocional, e desta forma, tanto o corpo como as emoções são bloqueadas, formando o que se conceitua como couraça.

As couraças muscular e de caráter se formam ao longo da história de vida de cada pessoa. Com relação ao corpo, a couraça se inscreve como um mecanismo de defesa contra as pressões familiares, sociais, emocionais e políticas, formando um corpo enrijecido, que é incapaz de viver toda sua plenitude de emoções, restringindo seus movimentos espontâneos, para se adaptar ao meio social (Reich, 1998).

De acordo com Navarro (1995), a experiência cotidiana nos ensina que gestos, posturas, expressões refletem mais as atitudes existenciais do que o discurso, o corpo é marcado pela história individual e também pela história social. No corpo se inscrevem os costumes, os constrangimentos, as sujeições, as repressões, os rituais que foram transmitidos, legados impostos pela família, cultura e meio ambiente, ou seja, não tem como ver o corpo fora destas três faces, a biológica, a psicológica e social.

Na teoria reichiana, corpo e mente jamais são pensados como campos autônomos, mas se inscrevem sempre em redes sociais, em sistemas psicopolíticos de variadas envergaduras dos microssistemas familiares até as nações e a própria humanidade (Navarro, 1995). Pode-se pensar que através de repressões sociais e culturais, o organismo fica contraído, o expressar se torna doloroso e isto acontece em decorrência das proibições sociais que foram internalizadas no processo de educação. A retenção ou o encouraçamento do organismo visa



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SACZUK, Maria Isabel; CAMARGO, Denise. O corpo que envelhece – uma reflexão necessária. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

bloquear a liberação e o movimento da energia corporal, que se expressa nas emoções e, também nos demais movimentos das funções vitais (Costa, 1984).

Segundo Lowen (1984), quando não conseguimos expressar as emoções de forma autêntica, essas mesmas emoções vão registrando-se em nossos corpos em forma de tensões musculares, impossibilitando a espontaneidade e formando um corpo encoraçado, que é construído pelas experiências no meio social e histórico de cada pessoa. As couraças são criadas como forma de proteção frente as situações vividas, embora elas se apresentem como forma de diminuir a dor, elas também restringem o prazer. Assim, o fato de reconhecer essas tensões pode ser um caminho para as transformações na direção da liberdade do corpo e na abertura para a expressão das emoções.

Concluimos que, apesar das fases iniciais do desenvolvimento emocional serem fundamentais para a formação do ser humano até a chegada da fase adulta, se faz necessário mais estudos dentro das teorias psicocorporais com o objetivo de olhar as fases mais tardias do desenvolvimento. Tal perspectiva justifica-se pelo pressuposto que estamos em constante movimento e transformação enquanto corpo e emoção, mesmo na vivência das etapas mais tardias da vida.

A velhice é compreendida por Simone de Beauvoir (1970), como uma experiência heterogênea, ocorre de modo diferente para cada indivíduo, de acordo com seu tempo e contexto cultural, social e histórico. não como algo essencial, mas como uma construção social sempre resignificada. Para a autora a velhice é um processo que consiste em mudanças, desde a vida do embrião, da criança a fase adulta, existe uma mudança que é contínua e que não cabe concluir que toda a nossa existência se resume a uma morte contínua, e que sim, é um processo de desenvolvimento instável no qual se busca um equilíbrio constantemente, somente fora desse movimento que é a inércia, poderíamos pensar no sinônimo de morte, de não desenvolvimento.

A Psicologia corporal tem muito a contribuir com as questões relacionadas ao envelhecimento e suas etapas de desenvolvimento, no sentido de ampliar a capacidade do idoso de sentir e se expressar de forma autêntica, com o reconhecimento do corpo como meio de expressão da emoção. Essas questões podem e devem ser um campo de maior atuação da psicologia no âmbito social, pois na velhice há vida, há necessidades e desejos, específicos desta etapa e da subjetividade daquele que à vive, mas, que muitas vezes estão encobertos por falta de reconhecimento do que é verdadeiramente prazeroso e também por falta de acesso de grande parte dessa população a mais informações.

---



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SACZUK, Maria Isabel; CAMARGO, Denise. O corpo que envelhece – uma reflexão necessária. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Estar vivo requer movimento, de sentir e se expressar e com a perda dessa capacidade, perde-se a própria sensação de ser. Consideramos que é comum abrimos mão de uma expressão autêntica das emoções e incorporarmos uma imagem e um comportamento que é melhor aceito no meio social e, assim, nos afastamos da mais pura expressão de ser (Lowen,1984).

Neste sentido, esta reflexão se faz necessária. Todas as pessoas estão vivendo cada vez mais, e, de acordo com os estudos citados neste artigo a população de idosos será cada dia maior. Os profissionais da área da saúde necessitam acompanhar as demandas e rever os conceitos sociais sobre o envelhecimento, para olhar além do corpo biológico que necessita de cuidados higienistas e estéticos, e trabalhar no campo do sentido da importância que cada etapa de vida representa e se relaciona com a subjetividade do idoso situada social e historicamente.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. (1990). *A Velhice*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.
- COSTA, R. A. (1984) *Sobre Reich, sexualidade e emoção*. Rio de Janeiro. Achiamé.
- FERRAIUOLI, C. Ferreira, M.R.R. (2015) *Persp. Online: Hum. & sociais aplicadas*. Campos de Goyatoca. [Seer.perspectivasonline.com.br](http://Seer.perspectivasonline.com.br)
- GOLDFARB, D. C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- LE BRETON, D. (2016). *Antropologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LOWEN, A. (1984). *Prazer: uma abordagem criativa da vida*. Tradução de Ibanez de Carvalho Filho. 6 ed. São Paulo: Summus.
- MOREIRA, V., & Nunes. Nogueira. F. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19 (1), 59-79.
- NAVARRO, Federico (1995), *Somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia clínica e da médica*; São Paulo. Summus.
- NERI, A. L. (2000). Teorias Psicológicas do Envelhecimento. Em: Freitas, E. V. & Cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) (2015). Recuperado de <https://nacoesunidas.org/oms-cobra-melhorias-no-atendimento-aos-idosos/>
- REICH, W. (1998) *Análise do caráter*. Tradução de Ricardo Amaral do Rego. 3 ed. São Paulo:



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SACZUK, Maria Isabel; CAMARGO, Denise. O corpo que envelhece – uma reflexão necessária. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Martins Fontes.

REICH, W. (1983) O assassinato de Cristo. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

VILHENA, J. de, Novaes, J. de V., & Rosa, C. M. (2014). A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, Junho 17(2), 251-264.

## AUTORA E APRESENTADORA

### **Maria Isabel Saczuk / Curitiba / PR / Brasil**

Possui graduação em Psicologia pela UTP/PR. Psicóloga (CRP – 08/19433). Especialização em Psicologia Corporal, na categoria Clínica, no Centro Reichiano, Curitiba/PR (2013). Residência em Análise Reichiana, no Centro Reichiano, Curitiba/PR (2013). Formação em Dança Flamenca. Sevilla. Espanha. Fundadora e Diretora do Instituto Flamenco Brasileiro de Arte e Cultura (2002). Mestranda em Psicologia Social e da Saúde pela UTP/PR.

**E-mail:** [mariaisabel.sac@gmail.com](mailto:mariaisabel.sac@gmail.com)

## ORIENTADORA

### **Denise de Camargo / Curitiba / PR / Brasil**

Possui graduação em Formação de Psicólogos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1975), graduação em Licenciatura Em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1974), mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988) e doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Atualmente professora Sênior da Universidade Federal do Paraná e professor titular da Universidade Tuiuti do Paraná. Tem experiência na área de Educação e Práticas Sociais Comunitárias, atuando principalmente nos seguintes temas: emoção, subjetividade, prática educacional, diversidade e inclusão na perspectiva da Psicologia Social Comunitária e Psicologia Histórico-cultural.

**E-mail:** [denicamarqo@gmail.com](mailto:denicamarqo@gmail.com)